

A Grande Reportagem como Fonte de (In)Formação Crítica: Relatos de Uma Experiência “Educolaborativa”¹

Verusa Pinho de Sá²

Universidade do Estado da Bahia (Uneb) - *Campus IV*

RESUMO

Este artigo apresenta um recorte dos relatos e "achados" da experiência formativa *Jornalismo Colaborativo e Educomunicação no contexto da Diversidade*, que pretendeu problematizar o potencial dos conteúdos noticiosos enquanto propulsores da reflexão, criticidade e transformação social. Por meio de pesquisa-ação colaborativa, foram elaboradas três matérias, sendo duas grandes reportagens e uma entrevista, a partir de pautas sugeridas e viabilizadas pelos partícipes. Ao longo do processo, organizou-se o [Portal da EduColaborAção](#), fonte de construção e troca de conhecimento, que reúne os principais saberes da investigação em prol de práticas “educolaborativas”. Entre desafios e possibilidades, identificamos a relevância desse modo ressignificado de (in)formar, numa era em que leitores interatuam como produtores de mídia e cidadãos do mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo Colaborativo; Educomunicação; TICs; (In)Formação Crítica; Diversidade.

INTRODUÇÃO

Se os jornalistas têm imbuído no exercício da profissão o compromisso com a Educação, essa interconexão, chamada de “educomídia” por Melo³ e Tosta (2008), obriga-nos a reinventar conceitos, incorporar outras técnicas e formular novas categorias de apreciação. Assim, promover estudos e imersões na área dessa interface

¹ Trabalho apresentado na DT 6 - Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018. Fruto da pesquisa de mestrado *Jornalismo “Educolaborativo” e (In)Formação Crítica: Uma Experiência na/para a Diversidade*, orientada por Antenor Rita Gomes, doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), docente e coordenador do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), da Uneb/DCH IV, Jacobina - BA, e líder do Grupo de Pesquisa em Cultura Visual, Educação e Linguagem (Cult-Vi).

² Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo em Múltiplos Meios e especialista em Ensino da Comunicação, ambos pela Uneb - *Campus III*. Integra a equipe de jornalismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). Aluna regular do MPED/ Uneb e membro do Cult-Vi. E-mail: verusapinho@gmail.com.

³ O professor dr. e jornalista José Marques de Melo foi o idealizador da *Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional*, instalada na Universidade Metodista de São Paulo há mais de 20 anos. Através de colóquios internacionais, em especial, o núcleo tem se dedicado ao amadurecimento da Escola Latino-Americana de Comunicação, reunindo personalidades e instituições de respaldo em torno do pensamento comunicacional para a transformação das sociedades. Além disso, foi docente-fundador da ECA-USP, principal articuladora do pensamento educador.

torna-se essencial para a compreensão, o reconhecimento e a promoção desse campo emergente.

Para Martín-Barbero (2014), a escola só poderá se inserir nos processos de mudança que atravessam a sociedade, surgidos da reorganização dos saberes, dos fluxos informativos e das redes⁴ de intercâmbio criativo e lúdico, a partir da ascensão midiática, dimensão estratégica da cultura. Neste cenário, convivem novos modos de representação e ação cidadãs, hibridizações da ciência e da arte, do trabalho e do ócio. Se a mídia também ensina, os meios de comunicação proporcionariam o que McLuhan (1971) adjetiva de “aula sem paredes”, dividindo essa função com a família e a escola, principais agências socializadoras.

Sem um mergulho no mundo da mídia, seus contrastes, suas contradições, o educador não terá condições de “reeducar” seus estudantes para a autonomia de si, condição para a consciência crítica face à sociedade em que transita. Para *sair* do espaço tradicional das academias é preciso *reentrar* nos arcanos do mundo midiático, para dele, de novo, *tornar a sair* como um agente cultural que saiba articular diferentes linguagens e buscar o sentido mais profundo das coisas (MELO; TOSTA, 2008, pág. 10, grifos dos autores).

Como espaço que pressupõe negociação constante com o outro (THOMPSON, 2002), os *media* alteram a sensação de pertença dos indivíduos. Da identidade à identificação, eles contribuem tanto para a aproximação quanto para o distanciamento dos sujeitos. Ou seja, a Comunicação é peça-chave na formação de vínculos, ao que Maffesoli (2000) classificara de *amálgama social*. No caso dos ambientes formativos, diversos por natureza, faz-se ainda mais necessário gerenciar valores e símbolos na constituição de idiossincrasias, estruturando a produção desses instrumentos para orientar e gerar referências.

Se tudo pode ser mote do percurso formativo, passível de análise e sistematização, acreditamos que desenvolver uma leitura crítica de mundo é a base desta nova pedagogia, que caminha na perspectiva do conteúdo como ponto de partida. Parte essencial da comunicação humana, a leitura é fonte de identificações. Apropriando-se

⁴ Na obra Educomunicação para além do 2.0, Druetta classifica a própria a escola como uma rede, estabelecida na relação dos professores entre si, de alunos através do tempo, e nos contatos com outras instituições e comunidades. Nesse sentido, enquanto rede de aprendizagem, é preciso conciliar interesses pessoais e organizacionais, sob pontos de convergência em meio às diversidades, com base em um “modelo” aberto, descentralizado, horizontal, participativo, dialógico e transformador.

do legado de Freire (1992), anuímos à máxima de que a *leitura de mundo* antecede a *da palavra*, sendo esta uma materialização da representação; juntas, elas possibilitam aos leitores se tornarem sujeitos da própria história.

Concordamos com Braga e Calazans (2001) ao dizer que só uma boa formação (compreendida aqui como aquela que extrapola a escola, com foco no poder dos meios de comunicação) possibilita condições eficazes de reflexão aos níveis de desequilíbrio e pressão decorrentes do novo estado das coisas. Enquanto fonte de pertencimento e integração, os *media* dedicados ao Jornalismo devem e podem contribuir, diretamente, para a transformação social. Enquanto zona estratégica para revelar distintos pontos de vista, os conteúdos noticiosos se tornam essenciais na formação de identidades, sendo molas propulsoras da diversidade.

Realizar um trabalho jornalístico guiado pela perspectiva “educolaborativa” institui-se, então, no desafio aqui descrito, que propõe a experimentação do Jornalismo Colaborativo e da Educomunicação para a (In)Formação Crítica a partir da vivência de um grupo-piloto composto por educadores, comunicadores, lideranças comunitárias e militantes sociais.

PRODUZIR MÍDIA; SER CIDADÃ/O DO MUNDO

O advento da era digital e o *boom* das TICs têm ampliado o horizonte dos comunicadores, permitindo o uso de uma variedade de ferramentas, ao lado da adequação da linguagem ao público (segmentação) e à mídia escolhida. Diante das práticas cada vez mais colaborativas, especificamente a partir da *web*, o Jornalismo Digital vem acompanhando a tendência e alterando o modelo linear e convencional de outrora “emissor-mensagem-receptor”.

Sob essa ótica, o posicionamento do jornalista também se torna mais fluido e multifacetado, substituindo seu habitual papel de direcionar informações com potencial noticioso (*gatekeeping*), para se tornar, em parceria com o público, um orientador/intermediador (arquiteto de percursos)⁵, aquele que observa diversos canais em busca de pontos de partida de onde novos campos se abrem (*gatewatching*).

⁵ Velasco (in APARICI, 2014) afirma que tal postura está relacionada ao papel do professor na Sociedade da Informação/Comunicação. Nesta pesquisa, adaptamos sua opinião para a função dos jornalistas, considerando ambas as profissões estratégicas no processo educacional.

Segundo Mario Kaplún⁶ a Comunicação Educativa vai além dos *media*, constituindo-se em componente pedagógico: “Enquanto interdisciplina e campo de conhecimento, converge uma leitura da Pedagogia a partir da Comunicação e uma leitura da Comunicação a partir da Pedagogia”. O argentino-uruguaio foi o primeiro a difundir o termo “educador comunicativo” ou “educadores comunicativos”, inicialmente pensados como profissionais responsáveis por trabalhar com a leitura crítica da mídia em espaços educacionais.

Nesse sentido, a Comunicação enfatiza valores e investimentos emocionais que suplantam a troca de signos no sentido utilitário do termo. Nas palavras de Michel Maffesoli (2000), em época de crises, incertezas e desabamento das antigas utopias políticas, ela é o “cimento social”; espaço de intercessão de conflitos e interesses, zona interativa e integradora. Para o sociólogo francês, Comunicação não é meio, mas fim (diretamente relacionada à noção de desenvolvimento), e se faz pela mídia, telenovelas, canais dominantes, mas, principalmente, pelos subterrâneos dos imaginários populares, que se reconstruem na profundidade das aparências do cotidiano, na narrativa do vivido.

Para o grande pensador espanhol-colombiano Jesús Martín-Barbero (2003, 2014) esse campo está se convertendo em espaço estratégico a partir do qual se pode pensar em bloqueios e contradições que dinamizam as sociedades. Na *era informacional*, Barbero (2014) nos lembra que a idade para aprender são todas e o lugar para estudar pode ser qualquer um, considerando que estamos passando de uma *sociedade com sistema educativo* para uma *sociedade de saberes compartilhados* ou *sociedade educativa*, cuja rede de significados atravessa tudo, arquitetando um experimento para o desenho de outras formas de aprendizagem” (pág. 10).

É esse “éthos da mediatização tecnológica da Comunicação” que nos rodeia e sobre o qual precisamos estar atentos para participar reflexivamente. Sendo a cultura informacional marcada pelo intercâmbio em rede, compreendemos o ciberespaço como ambiente de múltiplas escritas, com destaque para o hipertexto, caminho do desenvolvimento no século XXI⁷. Nas palavras de Barbero (ibidem, pág. 125), “a escrita digital é hoje um direito primário para o qual a escrita escolar não prepara”.

⁶ Apud CITELLI; COSTA, 2011, págs. 75 e 76.

⁷ VELASCO in APARICI, 2014.

Citado por Citelli e Costa (2011), o autor clama por uma escola que ensine a distinguir, tornar evidente, ponderar e escolher onde e como se fortalecem os preconceitos ou se renovam as concepções que temos sobre política, família, cultura, sexualidade... Apropriar-se das mídias torna-se, pois, competência fundamental para o exercício da cidadania, além de prolongamento natural dos saberes de base. Diante de tais reflexões, ousamos (in)formar a partir da produção de conteúdos noticiosos “educolaborativos”, compreendendo que, na escola da vida, compartilhamento é palavra-mor. Assim, buscaremos trazer à tona conteúdos que transcendam o factual, superando o *lead*⁸, para dar lugar a matérias diferenciadas em seu engajamento com as questões sociais, contando com a articulação de profissionais e educandos.

O GRUPO & A EXPERIÊNCIA FORMATIVA

O trabalho de campo aconteceu por meio de curso de extensão viabilizado sob apoio do Grupo de Pesquisa em Cultura Visual, Educação e Linguagem (Cult-Vi) e aprovação do Núcleo de Pesquisa e Extensão (Nupe) da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) - *Campus IV*. A formação se concretizou ao longo de três meses (setembro a dezembro de 2017), através de encontros semanais (nos dois primeiros períodos) e quinzenais (no último mês), além de acompanhamento virtual via canais de comunicação criados especialmente para a pesquisa: grupo do WhatsApp, *e-mail* e [Fórum da Diversidade](#), menu de relevância do nosso [Portal](#) (esboço abaixo).

www.educolaborar.wixsite.com/jornalismo

A IDEIA | Apresentação | Passo a Passo da Pesquisa | Os Conceitos | Biblioteca

QUEM SOMOS (miniperfil dos integrantes do grupo)

BASTIDORES (relatos & fotos da experiência)

FÓRUM

MULTIMÍDIA (espaço para as reportagens - estilo *blog* - e demais produtos elaborados, como o documento norteador, fotos e vídeos)

DESDOBRAMENTOS (destaque para o *clipping* de notícias)

CONTATO (com texto-convite para outros possíveis colaboradores)

⁸ A primeira parte de uma notícia, geralmente o parágrafo de abertura, que, em geral, responde às perguntas: o quê, quem, quando, onde, como e por quê?, seguida de informações complementares (dados secundários).

Figura 1 - Print do Fórum, com a divisão em categorias: *Relatos de Experiências* (espaço para conteúdos mais práticos); *Compartilhando Saberes* (lugar das teorias fundamentadas no cotidiano); *Análise de Mídia* (avaliação da postura da imprensa e sugestões) e *Pautas* (escrita e avaliações)



Fórum da Diversidade

Bem-vind@ ao nosso cantinho especial de interação! Contamos com você para enriquecer o debate em torno de temas diversos

Relatos de Experiências
238 visualizações | 14 posts
Conte-nos situações que vivenciou ou tem conhecimento na interface EduCom, Cultura e TICs

Compartilhando saberes
278 visualizações | 15 posts
Socialize suas impressões a respeito das leituras sugeridas e dos debates em classe

Análise de Mídia (Opinel)
68 visualizações | 2 posts
Acompanhe aqui algumas coberturas polêmicas e sugira alternativas

Pautas
0 visualizações | 0 posts
Agora é com você: sobre o que gostaria de ler?

Fonte: <https://educolaborar.wixsite.com/jornalismo/forum/>

Com encontros de quatro (4) horas-aula nas manhãs das terças-feiras, das 8h às 11h30, totalizaram-se 90 horas-aula, sendo 40h em classe, ao lado das atividades programadas - de leitura (*home office*) e de campo, com orientação a distância (= 50h). Estas últimas, sobretudo, durante o período de elaboração das matérias, que se iniciaram presencialmente, mas passaram por amadurecimento nos demais dias da semana, de acordo com a disponibilidade de cada colaborador/a.

O grupo tomou forma após chamada pública do período de inscrição, sendo composto por 12 partícipes presenciais inicialmente (dos 31 inscritos). A partir da 2ª aula acolhemos mais 2 integrantes, dos quais 9 chegaram ao fim da formação, ao lado de outros 2 que acompanharam a distância os debates, após encontrarem informações do curso na *web*, através do [site](#) oficial da Universidade e do [Programa](#)/MPED: o jornalista italiano Giampiero Valenza, e o responsável pelo setor de Comunicação da Uneb - *Campus XIV*, em Conceição do Coité, Carlos Roberto Marinho.

Representantes de espaços formativos distintos, a equipe incluía educadores (3, sendo duas em processo de formação); comunicadores (7, sendo uma graduanda); lideranças comunitárias e militantes sociais (4). Dentre homens e mulheres em quantidade similar, chegamos à maioria feminina nas últimas atividades (7). Majoritariamente numa faixa etária entre a juventude e a fase adulta, a maior parte se identificou de origem afrodescendente, enquanto outros optaram pelo hibridismo (“sou brasileiro” ou “indígena/africano/europeu”), revelando aspectos culturais que, mais tarde, teceram vinculações oportunas com os conteúdos produzidos. Quanto à escolaridade, imperou a graduação, com exceção dos comunicadores: dois cursaram até o ensino médio; outro estava em formação técnica para aquisição de registro profissional e um já era graduado em comunicação social com habilitação em publicidade e propaganda.

Para Dolabella (2015), o/a pesquisador/a formador/a é um/a agente social que mobiliza os saberes e as experiências de certo grupo, agenciando o trabalho crítico em forma de debate. Nesse sentido, enquanto espaço educ comunicativo, aberto e colaborativo, nosso curso de extensão reuniu um conjunto de ações e tensionamentos inerentes aos “ecossistemas comunicativos”, a partir da gestão democrática e do exercício da expressão dos sujeitos envolvidos. Entre idas e vindas, permanências e desistências -, demos “cara” a equipe *Educolaborar*.

Enquanto tempo e espaço de aprendizagens; processo de mutação recíproca entre sujeito e objeto; as oficinas se caracterizaram como percurso de (des)equilibrações, a partir da prática (saber-fazer), ativa e reflexiva, na relação de sentir-pensar-agir.

As matérias *educolaborativas* e os “desafios da reportagem”

Para o jornalista americano Robert Ezra Park, que também foi professor de sociologia na Universidade de Chicago⁹, “a notícia é uma das formas mais elementares de conhecimento”. Diferenciando-se do saber científico, racional e analítico, as narrativas jornalísticas definem-se como intuitivas e mais próximas do senso comum, podendo ser, no entanto, pontapé para o conhecimento sistemático. Nessa linha de pensamento, defendemos que é por meio do interesse do/a leitor/a que uma matéria pode ou não adquirir significação e fazer parte da história, reconstruindo-se sob novos olhares.

Enquanto construção social, Gaye Tuchman (1993) considera tais conteúdos “janelas para o mundo”, que podem trazer contornos propositivos em prol da melhoria da qualidade vida. Desse modo, ressaltamos a relevância de se desenvolver estratégias para uma Comunicação diferenciada, que revele a luta contra-hegemônica empreendida pelas minorias representativas, das quais negros, mulheres, jovens e homossexuais são exemplos. Enriquecidas com depoimentos e histórias de vida, ao lado de dados contextualizados, que estabelecem *links* com outras ações, a grande reportagem se revela, pois, gênero jornalístico ideal nesse contexto.

Parafraseando Glauber Rocha, “com uma ideia na cabeça e uma folha em branco nas mãos”, iniciamos a escrita das primeiras pautas, guiados pelos pressupostos estabelecidos em nosso [documento norteador](#). Dentre as sugestões, o grupo cogitou a possibilidade de escrever perfil, realizar pesquisa de opinião e até abordar o assunto *culturas tradicionais e longevidade*, mas devido à praticidade de entrevistar a colaboradora Maria Cléa Gomes, que já compunha o grupo, bem como à peculiaridade da militância desenvolvida por ela no âmbito da luta pela criança e adolescente, sobretudo através do projeto *Casa Rebeca*, optamos por essa temática e gênero textual.

⁹ SOARES, 2003 *apud* RIOS *et al.*, 2009.

Dividida em duas equipes, a turma ainda organizou reportagem sobre a articulação da sociedade civil em prol da transformação social em Jacobina e região, a partir da trajetória de cada membro e de fontes externas indicadas.

Posteriormente a essa fase de teste, focamos na elaboração da pauta-mor do curso: *Bananeira - História, Cultura e Natureza*, a partir da qual contextualizaríamos a origem do bairro no diálogo com o estigma social criado ao longo dos anos, contrapondo às potencialidades locais (riquezas naturais e culturais, bem como a titulação recente de quilombo urbano), com destaque para iniciativas de projetos sociais.

Instigados a pensar, a todo instante, a respeito da credibilidade da informação nesta era de *emirecs*, registramos aqui a opinião do jornalista Caco Barcellos, que esteve na cidade durante o período do nosso curso para palestrar sobre empreendedorismo e diferentes gerações a convite do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Entrevistado por esta pesquisadora em coletiva de imprensa quanto às contribuições das novas tecnologias para os *media*, o “global” elencou o acesso ao conhecimento e a autonomia dos sujeitos como diferenciais desta onda colaborativa. A partir da sua resposta, tivemos a certeza de que não estamos sozinhos nos “desafios da reportagem” e na luta pela elaboração de conteúdos noticiosos que contribuam para a (in)formação crítica, mantendo sempre acesa a chamada do questionamento, até mesmo diante das fontes oficiais.

CB: “Acho que a revolução digital trouxe imensa contribuição para a formação de novos comunicadores, novas plataformas e veículos de comunicação. É um avanço que nunca imaginava que fôssemos conseguir! Possibilitar que qualquer cidadão do mundo possa fazer, dentro de casa, uma emissora de rádio, um *site/blog*, jornal digital, e até uma TV... Nós, enquanto jornalistas profissionais, temos muitos concorrentes, mas isso é positivo porque democratiza o conhecimento. Hoje num clique você tem acesso a todos os arquivos importantes do mundo. Então para o conhecimento, preparação do profissional e sociedade, o fato de termos veículos sem nenhum tipo de filtro é muito positivo. Agora o que eu observo é que no Brasil, e acompanho alguns lugares do mundo também, como a Inglaterra e um pouco dos EUA, há quem use essas plataformas para transformá-las em cenário de linchamento moral. Na área de política isso acontece muito, a criação das *fake news*, por exemplo, isso é muito negativo, mas acho que pesa

mais o lado positivo: o acesso democrático ao conhecimento e a possibilidade de você se comunicar além-fronteiras, isso é maravilhoso! Não vejo hoje nenhum tipo de possibilidade de a gente vivenciar regimes autoritários como tivemos no passado, é impossível você controlar hoje o direito de se comunicar dada à revolução digital. Também observo que o papel do repórter nunca foi tão importante quanto hoje: o Jornalismo está “infestado” - usando um termo um pouco negativo - de opinião, por influência até das redes sociais. Tem gente dando opinião demais com conhecimento de menos. Acho que a reportagem é essencial neste momento: é ela que separa opinião (comunicação imprecisa) da comunicação necessária, aquela responsável e de relevância pública. Por isso acho fundamental a nossa atuação! Infelizmente a reportagem está em desuso, em processo de extinção, devido ao custo de produção do gênero”.

Figura 2 - Caco Barcellos durante coletiva com representantes da imprensa local, incluindo esta pesquisadora, ao lado do diretor do Sebrae/Jacobina



Fonte: Acervo da Pesquisa / Fotos (e/d): Autoral e Tamara Leal

Entre proximidades e associações, nossa interpretação seguiu fluante e aberta diante do sistema de valores (positivos, neutros ou negativos) e comportamentos que ora atacavam, noutra evitavam; ora aceitavam, noutra rejeitavam; ora comparavam em tom de negação, noutra inundavam o mundo do outro (empatia), no exercício de “sair de si” (descentrar-se), tão necessário ao desenvolvimento pessoal. As representações de cada tomada de posição, pouco a pouco, evidenciaram juízos de valor e emoções, através de

processos cognitivos/mentais polifônicos, por vezes inconscientes, que tenderam à persuasão, mas se mantiveram emaranhados em afetividades e ambivalências.

Na multidimensionalidade das significações expressadas, também identificamos performances, digressões, vazios, atalhos (falsas saídas ou clarezas enganadoras). Da aparente desordem, propomos uma estruturação dinâmica e peculiar, que representa a teoria construída a partir da reinterpretação da realidade, levando em conta tanto as constâncias quanto as ausências (pertinência); os gestos e as falas bem como silêncios; o poder da iniciativa (proatividade) e a apatia; revelações e mascaramentos, na tentativa de preservar a individualidade das falas ao tempo que se concretizava a lapidação e a síntese dos dados brutos.

Como radialista tenho que ter muito cuidado com o que vou falar, escrever, ainda mais porque, na nossa região, acabamos fazendo de tudo: além da locução, sou produtor, programador e até mesmo jornalista [no sentido da escrita]. Esse curso, ao lado da formação técnica [DRT] está sendo de uma importância gigantesca porque muda o nosso jeito de ver as coisas, pensar, tratar as pessoas, muda nosso ser pra melhor. Há um tempo atrás muitas coisas ruins acontecerem em minha vida, mas hoje vejo que tudo valeu muito a pena pra me formar como pessoa, cidadão. Não tem escola/faculdade que ensine isso! A vida nos ensina muita coisa e esse curso me ensinou bastante bastante, através das ideologias, personalidades e profissões diferentes.

Pedro Filho

Achei que a vida de jornalista era mais fácil, nunca imaginei ser tão trabalhosa! Acho que a quantidade de informações produzidas todos os dias cria essa ilusão, e a ideia de que qualquer um pode ser jornalista. A partir deste curso eu percebi que não, e que muita gente que escreve em *blogs* e afins não deve/merece ser intitulada de jornalista. Entendi também porque se copia e cola tanto na *internet*: criar conteúdo sério e de qualidade precisa de estudo, dedicação e tempo. É impossível fazer jornalismo de forma rápida/instantânea como vemos no nosso cotidiano. É necessário pesquisa, averiguação de fontes, leituras. Entrei no curso em busca da experiência e por curiosidade, nunca nem tinha escutado a palavra “Educomunicação”. O maior desafio foi entender como ela funciona. A convivência com os colegas somou muito a minha experiência e ampliou os horizontes para além do meu mundo.

Graziela Santos

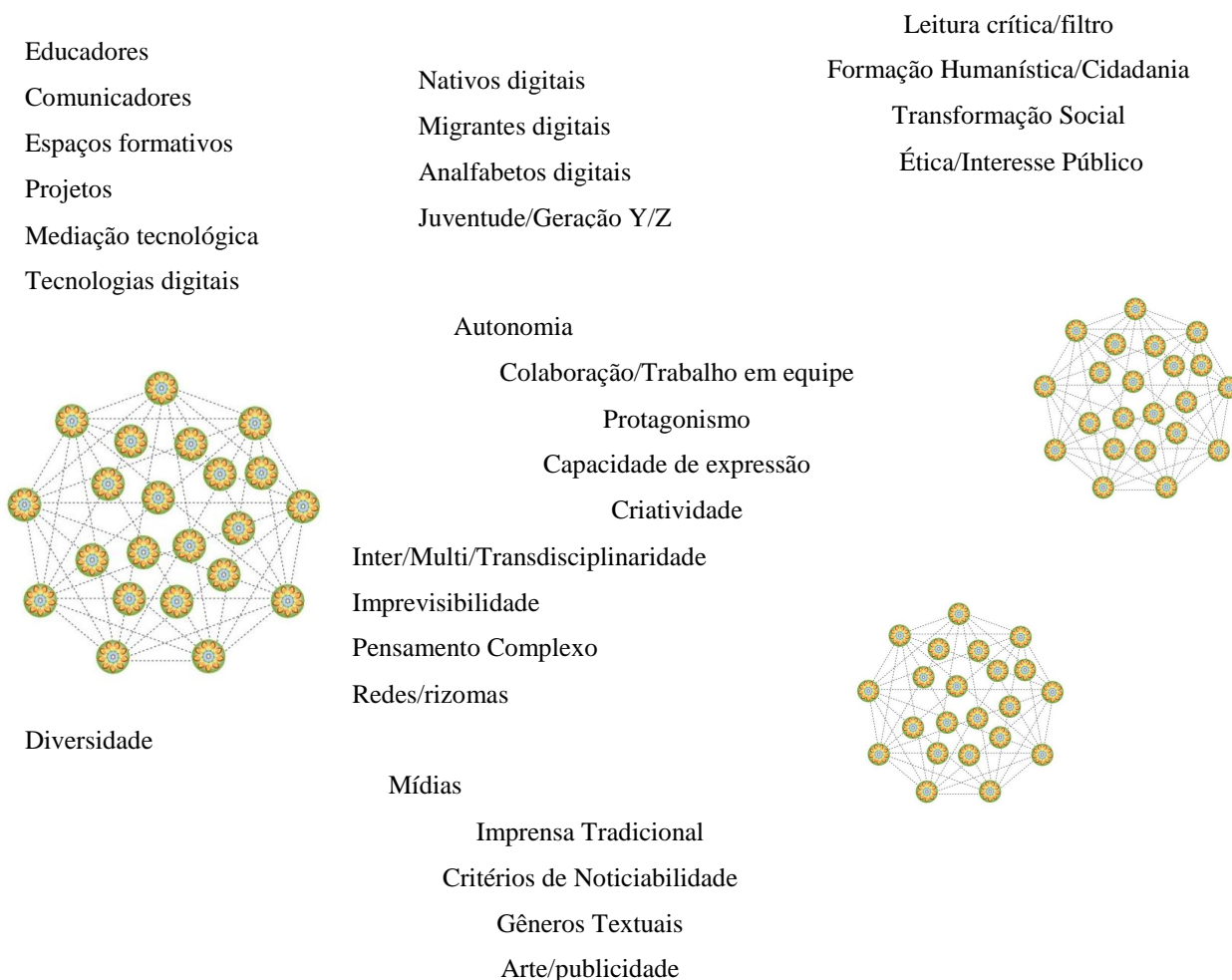
Vivenciar cada passo, sentir a pressão e o prazer de cada entrevista, de cada história, de cada vida é "Educolaborar". Confesso que antes também não conhecia esse termo, mas, que a partir do projeto e das articulações geradas em cada encontro, ele passou a fazer parte da minha vida. Sou a favor de um jornalismo mais colaborativo, com boas notícias e perspectivas de uma imagem mais positiva do ser humano. A proposta do projeto veio ao encontro de tudo isso! Os conteúdos foram educativos e dinâmicos e sempre propunham uma articulação positiva dos assuntos gerados, proporcionando a possibilidade de ideias infinitas, que nos conduzem a uma revisão de conhecimentos pessoais, culturais e interpessoais que adquirimos por nossa jornada. Posso dizer que me conduziu a uma nova vivência que vai além da sala de aula ou apenas do projeto, me levou a um novo ambiente de

conhecimento, mais íntimo, despertando o desejo de uma articulação mais madura e positiva, de forma mais clara e objetiva, conseguindo discernir e avaliar o conhecimento e o sentimento na elaboração de uma opinião. Falamos sobre leis, direitos, deveres, política, civilidade, mídias, artes, polêmicas, educação e inúmeros assuntos gerados por cada participante. Com a contribuição de cada um pude entender e aprender mais, cada encontro foi uma nova aprendizagem e uma nova experiência que levo para minha história de vida. Particularmente só tenho a agradecer, e para engrandecer este projeto, proponho que divulguem a proposta em sala de aula (ensino médio/técnico) para que esta nova geração estude se familiarizando com a proposta da articulação madura que a "educolaboração" nos proporciona. Como o Pe. José (entrevistado), também acredito que serão os jovens responsáveis pela revolução! Mas a educação, ou melhor, a "Educaboração" é a melhor ferramenta para isso.

Anne Bacelar

Frente à semente que, gradativamente, amadurecia, as “pedras” surgiam como desafios a serem vividos em seu próprio conflito. É justamente esse o aspecto central da (in)formação crítica a que nos propomos desde o começo.

Figura 3 - As mandalas da “Educaboração” e nosso temas-eixo/ Fonte própria - imagem adaptada do acervo [Pixabay](#)



(IN)CONCLUSÕES

Não temos dúvida de que o Jornalismo “Educolaborativo” anunciado contribuiu para a criticidade dos indivíduos. Mas a seu modo peculiar, no contexto de vida de cada um/a, ele toma corpo e ganha cor. Conservar acesa a chama pela qualidade, credibilidade e capacidade formativa dos conteúdos noticiosos, bem como para a necessidade do filtro que se chama *leitura crítica*, segue como um grande e incompleto desafio das próprias zonas de conforto.

Das diferentes fases da pesquisa, classificamos o curso de extensão como o ápice, aquele momento *Eureka*, de *insight* e experimentação. Através dele, avaliamos que o engajamento de cada sujeito, com base no sentimento de corresponsabilidade, faz-se essencial para a conquista dos pressupostos estabelecidos nesta pesquisa. Diante de incongruências, tropeços e boas surpresas, plantamos uma semente em nome da *diversidade* de pensamentos e atitudes.

Abraçados pelos diferentes depoimentos transcritos acima, vivenciamos múltiplas emoções e amadurecemos juntos, enquanto profissionais, pessoas e cidadãos. A autorreflexão tornou-se companheira fiel no decorrer da caminhada formativa, em especial, diante da necessária lapidação da paciência e apuração do bom senso, despindo-se dos julgamentos que tanto nos afligem. Em meio a essa aproximação, viabilizada por meio dos diferentes canais de comunicação criados exclusivamente para a pesquisa, o distanciamento demandado pelo movimento investigativo se manteve firme ao longo dos encontros e das reflexões propostas, mas, ao mesmo tempo, a presença desta autora como líder do grupo e profissional especializada da área jornalística revelou-se fundamental para a continuidade do processo formativo.

Nossa expectativa é de que este estudo possa inspirar profissionais, educandos e pesquisadores das mais diferentes áreas a respeito das temáticas abordadas, por meio das referências elencadas e da descrição-interpretação do fenômeno em foco, contribuindo para o aprofundamento teórico (reflexão epistemológica) do *Jornalismo Colaborativo* e da *Educomunicação*, no diálogo com as novas tecnologias e as manifestações culturais, em prol da elaboração de narrativas *transversais*.

É nessa fronteira multiperspectiva, na qual inquietude é pedra fundamental, que (in)concluimos esta produção: na abertura ao que está por vir, tentando ultrapassar a

solução dos pequenos impasses cotidianos para alcançar o conhecimento científico sob este outro *ser*: “educolaborativo”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria de Fátima; NASCIMENTO, Robéria Nádia ARAÚJO; Xavier, Manassés Moraes. Práticas de (In)Formação numa Plataforma de Blog: Leituras e Escritas Políticas em (Con)Textos do Ensino Médio. **Linha D'Água (Online)**, São Paulo, v. 28, nº. 1, págs. 83-103, jun. 2015.
- APARICI, Roberto. **Educomunicação: para além do 2.0**. Tradução: Luciano Menezes Reis. São Paulo: Paulina, 2014. Coleção Educomunicação.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.
- BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina Zamith. **Comunicação e educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001.
- BRUNS, Axel. **Gatewatching: Collaborative Online News Production**. New York: PeterLang Publishing Inc., 2005.
- CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Castilho (Org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.
- _____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- KAPLÚN, Mario. **Uma Pedagogía de La Comunicación**. Madrid: Ediciones de La Torre, 1998.
- LEMOS, André e PALÁCIOS, Marcos (Org.). **As janelas do ciberespaço**. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- MCLUHAN, Marshall; FIORE, Q.: **Guerra e paz na aldeia global**. Rio de Janeiro: Record, 1971.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A Comunicação na Educação**. Tradução: Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.
- MELO, José Marques *et al.* **Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún**. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

_____; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Temas & Educação)

RIOS, Clarissa Pacheco; ALMEIDA, Íris M. G. Queiroz de; COELHO, Lilian Reichert; GOMES, Sara Maria Cardoso. Reflexões sobre o Ensino Fundamental Público Soteropolitano na Perspectiva Interdisciplinar da Educomunicação. **Revista Extensão em Foco/UFPR**, n° 4. 2009.

SIEMENS, George (2004). **Conectivismo**: Uma teoria de Aprendizagem para a idade digital. Disponível em <<http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>>. Acesso em 11 de agosto de 2017.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 5ª ed. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**: estudio sobre la construcción de la realidade. Barcelona: Bosch, 1993.